

## NORDESTE – CONJUNTURA INDUSTRIAL

O Departamento de Estudos Econômicos (ETENE) do Banco do Nordeste do Brasil S.A., em convênio com o Centro de Estudos Industriais do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, realizou, em julho de 1977, a 38a. pesquisa junto à indústria de transformação nordestina<sup>(1)</sup>. O inquérito contou com respostas de 194 empresas, que ocuparam em média, em 1976, 68.726 pessoas e registraram um volume de vendas de cerca de Cr\$ 19.273,1 milhões, dos quais Cr\$ 1.113,7 milhões para o exterior.

Os empresários informaram suas observações relativas ao segundo trimestre de 1977, avaliaram aspectos da situação da empresa no início de julho, adiantando previsões relativas ao quadro conjuntural esperado para o período julho/setembro do corrente ano.

Em virtude daquele convênio, a totalidade das informações levantadas por esta pesquisa é aproveitada para elaboração do relatório de âmbito nacional, editado trimestralmente pela Fundação Getúlio Vargas.

## RESULTADOS GERAIS PARA A INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

Os dados da pesquisa de Sondagem Conjuntural de julho revelam que, de um modo geral, a indústria manufatureira nordestina no segundo trimestre não apresentou resultados definidos.

---

(\*) Esta parte enfeixa análises realizadas pelos economistas Francisco Ferreira Alves (Nordeste – Conjuntura Industrial) e Luís de Sousa Magalhães (Índices Econômicos Regionais), da Divisão de Estudos Gerais do ETENE, sob a coordenação do economista Gedyr Lírio de Almeida, Chefe da citada Divisão.

(1) O Nordeste considerado neste relatório inclui os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia e a área do norte de Minas Gerais compreendida no Polígono das Secas.

Com efeito, empresas responsáveis por 30% e 31% das vendas do painel de informantes indicaram, respectivamente, ter ampliado a oferta de seus produtos e contado com mercado interno em expansão no período sob análise. Já para um outro grupo de informantes, os volumes de produção sofreram tendência de declínio (frequência de 41%), apresentando-se o mercado interno retraído (frequência de 39%) relativamente aos níveis observados no início do ano.

Essa evolução dividida entre aumento e queda, tanto no que se refere à produção como à demanda doméstica, se deveu, em grande medida, aos resultados registrados pelos gêneros Produtos Alimentares (que contribuíram, em maior intensidade, para o declínio da produção), Química (principal responsável pela retração do mercado), Têxtil e Minerais não-Metálicos, que concorrem, conjuntamente, com mais de 70% do produto da indústria de transformação regional.

Dentro desse panorama conjuntural indefinido, não se poderia deixar de fazer menção aos excelentes resultados apresentados pelos gêneros Mecânica, Material de Transporte, Mobiliário e Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos, que, enfrentando uma conjuntura favorável, ampliaram de forma generalizada a oferta de seus produtos.

No que respeita especificamente à procura externa, a maioria das empresas informou que essa variável mostrou-se retraída no segundo trimestre, comparativamente à evolução observada no início do ano.

Durante o período analisado, empresas que respondem por 39% das vendas do painel de informantes, basicamente pertencentes às indústrias Química e de Produtos Alimentares, indicaram ter seus estoques aumentados, mas o seu nível já se apresentava praticamente normalizado no início de julho.

Relativamente à mão-de-obra empregada, as tendências observadas também se apresentaram divididas, de forma mais ou menos equitativa, entre aumento e declínio. Assim, empresas responsáveis por 22% do pessoal empregado do painel de informantes declararam ter ampliado sua força de trabalho no período, enquanto as responsáveis por 19% responderam ter liberado parte do seu pessoal empregado. Já a capacidade instalada de produção foi ampliada, mantida estável ou reduzida em empresas responsáveis por 20%, 70% e 10% das vendas, respectivamente.

Verifica-se, assim, que em relação ao comportamento das principais variáveis, ocorreu certo equilíbrio entre as tendências de aumento e redução observadas no segundo trimestre, levando a concluir, em termos gerais, que os níveis da produção e do mercado nesse período não diferiram, substancialmente, dos obtidos nos primeiros três meses deste ano.

Aliás, o confronto dos dados do segundo trimestre com os do primeiro, relativos à arrecadação do IPI e do consumo industrial de energia elétrica, indicadores intimamente correlacionados com o comportamento da demanda por produtos industrializados e da oferta industrial, respectivamente, mostra resultados perfeitamente compatíveis com os revelados pela Sondagem de julho. Enquanto a arrecadação do IPI acusou um decréscimo real de 0,6%, o consumo de energia elétrica como força motriz registrou um crescimento de apenas 2,6%.

No começo de julho, o nível dos estoques foi avaliado como normal para a época e, embora a maioria dos empresários considerasse igualmente normal o nível da demanda (interna e externa) dirigida para seus produtos, um bom número de empresas declarou-se insatisfeita com relação à situação do mercado.

Alguns sinais de reativação das atividades manufatureiras regionais já começavam a se evidenciar nos primeiros dias daquele mês. Naquela ocasião, o grau médio de utilização da capacidade instalada da indústria nordestina foi um pouco melhorado em relação ao obtido em abril (84%, contra 80%, respectivamente). Empresas responsáveis por 65% das vendas estavam operando a plena capacidade ou ampliando a oferta de seus produtos.

Por outro lado, as previsões para o período julho-setembro estão a indicar generalizada ampliação do mercado interno (a demanda estrangeira permanecerá em estabilidade), em função da qual os volumes de produção serão expandidos em empresas responsáveis por 66% das vendas, ocorrendo, paralelamente, absorção de novos contingentes de mão-de-obra em algumas empresas.

## **RESULTADOS SEGUNDO A UTILIZAÇÃO PRINCIPAL DOS PRODUTOS**

### **BENS DE CONSUMO FINAL**

Depois de enfrentar certa desaceleração na evolução de seus negócios no decorrer do primeiro trimestre, as empresas que compõem o Setor de Bens de Consumo Final obtiveram no período abril-junho resultados bastante favoráveis.

Orientadas pela ampla reativação do mercado, as empresas ampliaram a oferta de seus produtos de maneira generalizada, ocorrendo, no entanto, ligeiro acúmulo nos estoques dos produtos fabricados em algumas unidades fabris.

Durante o período sob comentário, tanto a capacidade instalada de produção quanto a mão-de-obra empregada não sofreram alterações significativas.

No início de julho, as opiniões dos informantes quanto ao nível da demanda interna estavam mais ou menos divididas entre um grupo que o julgava forte (responsáveis por 40% do faturamento) e um outro, formado por empresas que respondiam por 35% das vendas, que o avaliou como fraco para a época. No que se refere ao mercado externo, parcela ponderável dos informantes mostrava-se, em julho, descontente com relação ao seu comportamento.

Empresas responsáveis por 58% das vendas do ramo estavam ampliando a oferta de seus produtos no começo de julho, contra o índice de 47% observado em abril. Algumas empresas, naquela oportunidade, reclamavam contra a escassez de capital de giro e de matérias-primas.

O índice médio de utilização dos equipamentos, que em abril havia alcançado o coeficiente de 87%, baixou um pouco no inquérito de julho, atingindo 84%.

Segundo as previsões, o quadro conjuntural altamente favorável obtido no segundo trimestre deverá estender-se ao longo do período julho-setembro.

## **BENS DE PRODUÇÃO**

### **Máquinas, Veículos e Acessórios**

As empresas produtoras de Máquinas, Veículos e Acessórios experimentaram no decorrer do segundo trimestre um resultado líquido altamente positivo para seus negócios.

Acompanhando a generalizada tendência de ampliação do mercado, a quase totalidade das empresas do ramo expandiu no período seus volumes de produção, comparativamente ao nível observado no primeiro trimestre.

De modo predominante, a mão-de-obra empregada e a capacidade instalada de produção permaneceram estáveis no período. Empresas responsáveis por 24% do faturamento, no entanto, indicaram ter ampliado sua capacidade produtiva, enquanto as responsáveis por 18% do volume de emprego informaram ter liberado parte da mão-de-obra empregada.

No começo de julho, a grande maioria dos informantes não se mostrava muito contente com relação ao nível da demanda dirigida para seus produtos, tendo o índice médio de uso das máquinas atingido a marca de 73% (75% em abril).

Para o terceiro trimestre, está sendo aguardado o mesmo desempenho observado pelo mercado nos três meses imediatamente anteriores, devendo a produção ser ampliada em parcela representativa das empresas informantes.

### **Material de Construção**

O quadro conjuntural obtido pelas empresas produtoras de Material de Construção não esteve muito bem definido no segundo trimestre.

Assim, evolução não uniforme foi constatada tanto para os volumes de produção quanto para o mercado. No primeiro caso, empresas responsáveis por 37% das vendas do ramo informaram ter ampliado a oferta de seus produtos no período e as responsáveis por 28% indicaram redução. Pelo lado da procura, foi registrada no período uma frequência de 42% relativamente às empresas que enfrentaram retração do mercado, enquanto as responsáveis por 35% do faturamento informaram crescimento dessa variável.

Repetindo o comportamento observado no início do ano, os estoques dos produtos fabricados voltaram a apresentar, no segundo trimestre, certa tendência de acúmulo, refletindo assim algum descompasso verificado entre a oferta e a procura.

Durante o período sob comentário, algumas empresas contrataram novos contingentes de mão-de-obra, permanecendo a capacidade instalada sem variações significativas.

Por ocasião da realização do inquérito (julho), os empresários do ramo mostravam visível descontentamento quanto ao nível da procura dirigida para seus produtos, sendo o dos estoques avaliado como normal para a época.

Uma análise retrospectiva de todo o primeiro semestre do corrente ano sugere que o ramo de Material de Construção experimentou nesse período certa desaceleração de suas atividades, resultado que pode ser constatado pela diminuição do índice médio de utilização dos equipamentos, que em janeiro havia atingido a marca bastante elevada de 93%, caindo para 88% na pesquisa de abril, atingindo um nível ainda mais baixo em julho último (85%).

De certo modo, esse resultado está diretamente associado ao arrefecimento do ritmo de expansão da indústria da Construção Civil observada nos primeiros seis meses deste ano, como decorrência, em grande medida, da redução do volume de obras públicas e das modificações introduzidas na política habitacional, com vistas a corrigir algumas distorções que vinha apresentando o mercado imobiliário.

De qualquer forma, os empresários do ramo estão aguardando para o período julho-setembro uma reversão desse quadro conjuntural, prevendo para o período ampliação do mercado e expansão nos níveis de produção, devendo ainda algumas empresas absorver novos efetivos de mão-de-obra.

### **Outros Bens de Consumos Intermediários**

Contrariando as previsões formuladas no inquérito de abril, que antecipavam para o segundo trimestre difundida ampliação do mercado interno, as empresas do ramo de Outros Bens de Consumos Intermediários enfrentaram, no período sob análise, visível retração, tanto da demanda interna como da procura estrangeira.

Em decorrência de os volumes de produção terem permanecido, de um modo geral, nos níveis observados no começo do ano, os estoques dos produtos fabricados se avolumaram em empresas responsáveis por 64% das vendas do ramo. Entretanto, a sua situação em julho, já se havia normalizado.

No período sob exame, com respeito ao comportamento da mão-de-obra e da capacidade instalada de produção as tendências predominantes observadas foram de estabilidade.

O índice médio de utilização da capacidade instalada, que em abril havia alcançado o coeficiente de 84%, foi bastante melhorado na pesquisa de julho último, ficando ao redor de 92%. Naquela ocasião, o nível da demanda interna, de um modo geral, era julgado normal para a época, registrando-se, contudo, certo descontentamento da classe empresarial quanto ao comportamento da procura estrangeira.

O quadro conjuntural esperado para o terceiro trimestre revela-se bastante promissor, aguardando-se para o período generalizada expansão da produção e do mercado interno. A demanda externa, no entanto, deverá apresentar evolução dividida entre ampliação e retração.